

## REPENSANDO O SENTIDO DE TRADIÇÃO

André Luís Borges de Oliveira\*

**RESUMO:** Propõe-se construir os alicerces para questionar o que se compreende por tradição. Pergunta-se, aqui, de que modo uma tradição influencia a própria concepção de filosofia e literatura, reconhecendo que também a tradição tem sua tradição, sua história, a tradição da tradição. A fim de fundamentar essas reflexões, utilizam-se autores tanto de filosofia, quanto de literatura. Como contraponto, faz-se uso de dicionários vernaculares, mas também de latim. Em seguida, é traçado um paralelo entre as palavras tradição e traição, cuja origem etimológica é a mesma, e entre traição e mutirão, próximas semanticamente em determinados contextos. Por fim, chega-se ao entendimento de que a tradição só faz sentido enquanto traição dela mesma, de modo a conservar-se mas, ao mesmo tempo, inventar-se.

Palavras-chave: Tradição. Poética. Filosofia. Diacronismo. Sincronismo.

**ABSTRACT:** The proposition is to build the foundations to question what is understood by tradition. It is considered here how tradition influences the very concepts of philosophy and literature, recognizing that tradition as well has a tradition of its own, its history, the tradition of tradition. In order to substantiate these reflections, authors of both philosophy and literature are used. As a counterpoint, vernacular dictionaries are used, and also Latin. Then a parallel is drawn between the words “tradition” and “betrayal,” whose etymological origins are the same, and between “betrayal” and “*mutirão*”, in Portuguese, semantically close in certain contexts. Finally, the understanding arises that tradition only makes sense as a betrayal of itself, so as to preserve, but at the same time to invent, itself.

Keywords: Tradition. Poetics. Philosophy. Diachronism. Synchronism.

### AS TRADIÇÕES DA TRADIÇÃO

Nossa ideia de tradição não é a tradição. Melhor dizendo, a concepção de tradição que vigora nem sempre vigeu, isto significa dizer que o modo como o homem é apreendido pela história modifica-se. Na própria língua encontramos traços de outra tradição em sua etimologia, que nada mais são do que formas diversas de ser no mundo. Convém, entretanto, uma ressalva: a busca aos sentidos anteriores, quiçá originários, nem sempre tem a ver com um empenho gramatical: “Etimologia não diz, em primeiro lugar, ciência linguística, que investiga a identidade entre os radicais das palavras. [...] Em sentido próprio (aqui, literal),

---

\* Mestre em Filosofia e Ensino (CEFET/RJ). E-mail: andreborges1234@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

etimologia diz *logos* do étimo, linguagem do próprio começo” (SCHUBACK, 1996, p. 62). Trata-se também de estar atento ao aceno de significações e de experiências que as palavras portam, cujo uso comunicativo da língua ignora ou desconhece:

Etimologia também é um dizer, mas um dizer originário que emerge de uma consentaneidade. O radical *étymos* significa legítimo, autêntico, verdadeiro. Etimologia não é um dizer qualquer. É o dizer que remonta para o próprio processo de dizer que provém da verdade do próprio dizer e, por isso, se faz legítimo pelo vigor de sua própria vigência. (LEÃO, 2010, p. 104).

Tendo isso dito, observa-se que a palavra tradição se origina de *traditio* – conforme se encontra em Houaiss (2009, Tradição), Dicionário Michaelis (2015, Tradição)<sup>1</sup> e Aulete e Valente (2016, Tradição)<sup>2</sup> – por via erudita, conforme Ferreira (2004, Tradição). Por sua vez, temos os seguintes sentidos etimológicos: “ação de dar; entrega; transmissão, tradição, ensino” (HOUAISS, 2009), que aparentemente se mantiveram com relativa estabilidade no uso contemporâneo da língua, em se tratando do significado mais abstrato da palavra, sob o conceito de ir passando um conhecimento adiante, perpetuando um saber.

Ao procurar num dicionário de latim, confirma-se o significado de entrega, transmissão e ensino, não se restringindo, todavia, ao abstrato do termo. Considera-se, inclusive, o transporte físico de objetos e de pessoas: “1. A entrega (de mercadorias, bens, etc.); rendição (de pessoas, território, etc.) [...]. 2. A transmissão de conhecimento, ensino. b. a entrega do conhecimento; um item de conhecimento tradicional, crença, etc.)” (GLARE, 1968, p. 1956 – tradução do autor)<sup>3</sup>. Perdemos, no habitual da língua, a tradição para o concreto. Uma pessoa pode ser entregue à polícia, um terreno pode ser entregue ao seu proprietário, mas dificilmente chamaríamos isso de tradição. Logo, a primeira entrada do dicionário latino ficou esquecida. Aqui será tarefa do pensamento perscrutar o terreno do esquecimento para fazer a experiência calada na palavra.

Prosseguindo, *traditio* é constituída a partir da substantivação do verbo *trado* com o sufixo *-tio* (GLARE, 1968, p. 1956), equivalente ao nosso *-ção*. Um verbo rico, por sinal,

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=tradi%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 16 set. 2016.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/tradi%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 16 set. 2016.

<sup>3</sup> 1. *The handing over, delivery (of goods, possessions, etc.); surrender (of persons, territory, etc.) [...]. 2. The transmission of knowledge, teaching. b. the handing down of knowledge; a item of traditional knowledge, belief, etc.).*

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

com dez entradas no *Oxford Dictionary*. A maioria são nuances do sentido-base de entregar, por exemplo: “1. Entregar ou passar adiante (para uma pessoa). b. dar (para uma pessoa para segurar); transferir (para uma posição). c. entregar (ao funcionamento das forças naturais, etc.)” (GLARE, 1968, p. 1956 – tradução do autor)<sup>4</sup>. Já alguns sentidos estariam mais distantes desse sentido-base, referindo-se a *trado* como: “7. Introduzir (uma pessoa para outra – tradução do autor)” (GLARE, 1968, p. 1956)<sup>5</sup>.

Introduzir não deixa de guardar certa semelhança com entregar, pois também diz de levar alguém ou algo de uma posição até outra. Todo esse traslado não é à toa, uma vez que a palavra *trado* remete a isso em sua formação por meio do prefixo *trans-* com o verbo *do* (GLARE, 1968, p. 1956), em que *trans-* nos diz de “1. Do outro lado ou por cima, através, para o outro lado de [...]. Formas: frequentemente *tra-* antes de consoantes surdas” (GLARE, 1968, p. 1961 – tradução do autor)<sup>6</sup>. A saber, temos ainda, no português falado, o uso do *trans-*, seja nesta forma, como em transbordar e transportar, seja na forma *tra-*, em tradição, traduzir, ou até numa outra variável, como em trespassar (LIMA, 1972, p. 178). Isto significa que não é nenhum espanto ter, ainda que vagamente, a noção de passagem, passar além de, ao pensar, ao pronunciar a palavra tradição: tra-dição.

A segunda parte dessa última composição é *do*, o verbo dar em latim. Esse é um verbo complexo. Seu radical curto revela uma multiplicidade dos mais variados sentidos. Os primeiros deles que aparecem no latim são: “1. Conferir gratuitamente, dar posse de, fazer uma doação de, dar. b. dar, oferecer (aos deuses, os mortos, etc.). c. conceder (a posse legal, a utilização, etc.)” (GLARE, 1968, p. 566 – tradução do autor)<sup>7</sup>.

De fato, algo é dado na entrega, algo é oferecido, garante-se o trânsito entre determinadas circunstâncias. Em todo *trado* há um *do*, toda entrega dá. Um dar que ratifica pelo prefixo o caráter de travessia de alguma coisa ou situação dada. Entregar como o que “transdá”, resguardando a importância que a passagem tem para a entrega. Levando isso em conta, o modo verbal que foca seu aspecto no movimento é o gerúndio. Tem-se, pois,

---

<sup>4</sup> 1. To hand or pass over (to a person). b. to hand over, give (to a person to hold); to transfer (to a position). c. to deliver, hand over (to the operation of natural forces, etc.).

<sup>5</sup> 7. To introduce (a person to another).

<sup>6</sup> 1. Across or over, also through, to the other side of [...]. Forms: freq. *tra-* before voiced consonants.

<sup>7</sup> 1. To confer gratuitously, give possession of, make a gift of, give. b. to give, offer (to the gods, the dead, etc.). c. to grant (legal possession, use, etc.).

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

entregar, *trado*, enquanto um dar oferecendo. Um dar que é dando. E, assim, é feita a entrega, a tradição, como o ato que dá e permanece neste movimento de doação.

Quem oferece introduz uma oferta. Uma dádiva que não se materializa simplesmente no seu destino, como se seu objetivo fosse somente a finalidade, mas que faz uma trajetória da entrega ao recebimento. E quanto à sua origem, quanto à sua meta? Entrega enquanto tradição atravessa e, por isso, é atravessada. Isso quer dizer que a tradição é um atravessamento da entrega, sempre se originando: “Tudo o que acontece é sempre um começo” (RILKE, 1976, p. 52).

A partir do momento em que se chega ao alvo, cessa a entrega, para a tradição. Por isso que tradição, enquanto tra-dição, precisa estar em constante recebimento e oferta. Precisa passar adiante e, desta forma, estar em insistente diálogo com a história e sua dinâmica. A mera reprodução da tradição, em outras palavras, a tradição da reprodução, não reverbera na tensão do ontem, do hoje e do sempre. É dar com um trajeto de entrega planejado e cumprido inequivocamente, sem os percalços do caminho. Entre o que permanece no fluxo das mudanças há uma tradição, entre o que muda na constância há uma tradição, e assim sua obra continua a fazer sentido, por mais diversas que sejam as épocas, as pessoas e os acontecimentos. Num paralelo com a obra de arte, a tradição exerce sua dinâmica de maravilhamento e repulsa, concessão do trânsito das experiências:

A unicidade da obra de arte é idêntica à sua inserção no contexto da tradição. Sem dúvida, essa tradição é algo de vivo, de extraordinariamente variável. Uma antiga estátua de Vênus, por exemplo, estava inscrita numa certa tradição entre os gregos, que faziam dela um objeto de culto, e em outra tradição na Idade Média, quando os doutores da Igreja viam nela um ídolo malfazejo. O que era comum as duas tradições, contudo, era a unicidade da obra [...]. (BENJAMIN, 1987, p. 171).

## TRADIÇÃO E TRAIÇÃO

A tradição, pois, é um processo, não um produto. Equivoca-se quem se debruça sobre dicionários mais do que se dedica ao pensamento. O caminho aqui oferece questões, não soluções. Por isso convém enveredar-se tanto no mais recôndito significado, a fim de auscultar seu sentido praticamente mudo na fala mais corriqueira, bem como no aparentemente mais banal significado arcaico. Desse modo, reconhecemos que em toda fala

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

cotidiana há um canto antigo e inaudito. Assim, continuamos com a etimologia, agora pela via popular, de *traditio* .:

O que é a palavra sem a relação com o que nomeia e o que nela vem à palavra? Deve-se sair correndo de toda etimologia vazia e acidental: ela se torna jogatina se o que se está a nomear na palavra já não tiver sido anteriormente pensado por caminhos longos e vagarosos, e não continuar a ser sempre de novo pensado, comprovado, e sempre de novo provado em sua essência de palavra. (HEIDEGGER, 1998, p. 207).

Em Aulete e Valente (2016, Traição)<sup>8</sup> e Ferreira (2004, Traição) encontra-se outra via de acesso que não a erudita ao português brasileiro da palavra *traditio*: a palavra traição. Resumidamente, tradição e traição possuem exatamente a mesma origem latina em *traditio*. Ora, traição nos é apresentada pelos meios de comunicação mais usados e acessíveis como uma ruptura da expectativa e da confiança, sendo normalmente encarada como uma maldade por nossa moral vigente: “Quebra de fidelidade prometida e empenhada; aleivosia, deslealdade, perfídia” (DICIONÁRIO MICHAELIS, 2015, Traição)<sup>9</sup>. Qual é a dádiva então? Onde está a *traditio* na traição?

Bom e ruim são paradigmas morais. Quando se diz da traição de outrem, leva-se em conta sua conduta perante o que se espera enquanto membro de uma sociedade. Pela traição se fixou a negatividade do que é dado. A tradição má, a tradição perversa, a dádiva rejeitada socialmente, uma traição. Ora, esta postura determinística não considera o *trans-* que também há na traição. O absoluto que jaz aparentemente em toda traição se revela tão variável, assim como a relação de infidelidade da esposa com o marido não tem a mesma perfídia moral do que a quebra da confiança pelo espião em defesa da pátria. Esta talvez nem maldade fosse, mas digna de medalha por seus pares:

Originalmente – assim eles decretam – as ações não egoístas foram louvadas e consideradas boas por aqueles aos quais eram feitas, aqueles aos quais eram úteis; mais tarde, foi esquecida essa origem do louvor, e as ações não egoístas, pelo simples fato de terem sido costumeiramente tidas como boas, foram também sentidas como boas – como se em si fossem algo bom. (NIETZSCHE, 1998, p. 18).

Na dinâmica do movimento, o bom e o ruim se imiscuem. Então a traição pode ser uma coisa boa, justificável em algumas ocasiões, assim como a tradição? É importante

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/trai%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 18 set. 2016.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=4bjp3>>. Acesso em: 18 set. 2016.

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

aqui não confundirmos o caminho com o caminhar. O caminho não faz escolhas, o caminhar sim. A traição oferece, dá e entrega algo; o modo como lidamos com essa oferta é outra perspectiva. Traição não é só matéria de tabloides, pelo contrário, ela reconhece a tradição e, neste reconhecimento, nega-a, oferecendo outra possibilidade de concepção do real, cuja moral da tradição – aquela tradicional e comprometida com o produto a ser entregue, não com o processo – reprovava. Em consonância com a dinâmica da travessia, a traição engendra o outro valor da tradição, sua própria instância de desvio à qual a entrega, enquanto doação de possibilidades, se dispõe.

Contudo, é compreensível a crença de que traição seja um comportamento execrável. Afinal, desde muito a proximidade com uma semântica da malignidade se adequa à palavra. Os primeiros dicionários do português já apresentam esse sentido, e isto nos indica, ao menos nos círculos intelectuais, qual é a interpretação do termo que se arrasta na história da língua: “Traição – perfídia, falta de fidelidade ao Príncipe, ao amigo, que se fiava de nós” (BLUTEAU, 1728, p. 237), “Traição – perfídia, entrega da fé, quebra da fidelidade prometida” (SILVA, 1789, p. 794) e “Traição – perfídia, falta de fidelidade” (PINTO, 1832, p. 1057).

A relação entre perfídia e traição não começa neste momento nem se restringe ao português, mostrando que outras línguas detiveram semelhante compreensão de mundo: “O Italiano chama ao Traductor, Traidor, *Traduttore*, *Traditore*, mas o Traductor fiel, não he Traidor” (BLUTEAU, 1728, p. 234). Uma proximidade que se justificaria na formação, na qual tradução deriva de *trans-* + *-duco-* + *-tio*. Ambos os verbos, *trado* e *traduco*, são introduzidos pelo prefixo-ponte, aceno para a travessia, na sua forma *tra-*. Entre *duco* e *do*, entre trazer e dar, há sim muitos sentidos parecidos, que se distanciam com sutileza e se aproximam com cautela. Na proposição anterior, o tradutor fiel traria o sentido do verso de uma língua para outra, enquanto que o traidor dá sentido ao verso, fugindo à fidelidade da mensagem.

Ora, quantos ruídos existem entre o que se diz e o que se quer dizer? Quem há de mostrar que o que pode ser aprendido se sujeita ao que deve ser aprendido? Imersa em narrativa, a mensagem assume o rosto das variadas interpretações, e ainda assim a mensagem é apenas a interpretação do real enquanto palavra, obra, gesto, e não o real propriamente. A

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

unicidade da obra a que Benjamin (1987, p. 171) se referia é o que permite uma entrega, a cada vez autêntica, de respostas, sem esgotar a questão que a arte suscita. Nessa dimensão, todo tradutor é, em certa medida, traidor, ainda sem o querer, pois necessariamente ele falhará em entregar a mensagem na íntegra; concomitantemente, o tradutor é um “traidor”, alguém que porta uma tradição na interpretação e a passa adiante em sua possibilidade de autenticidade.

## **TRAIÇÃO E MUTIRÃO**

A traição não deixa de ser uma tradição na interpretação da tradição tradicional, seja na figura de um rei enganado, seja na de um amante infiel. A história da língua apenas serve para confirmar a desconfiança que a traição engendra. Todavia, o último século tem revisto sua própria compreensão de relato histórico, o que vem influenciando as mais diversas áreas, inclusive a lexicografia.

Os dicionaristas agora levam em conta não apenas a norma culta escrita para reconhecer uma entrada no dicionário – como nas primeiras publicações em língua vernacular –, mas o uso corrente oral, palavras chulas e até palavras de uso apenas em determinadas comunidades. Essas populações, algumas delas isoladas do convívio com o restante da civilização, tiveram um desenvolvimento próprio da língua, condizente com sua experiência de mundo.

Nesse sentido, algumas palavras, para nós – que estamos acostumados com o linguajar citadino, que fomos atravessados por anos de teorias e práticas científicas já cristalizadas – podem soar estranhas pela maneira como são utilizadas por essas comunidades, ainda que tenham uma origem comum com nosso uso. Isto é, cada tradição faz seu caminho e resguarda interpretações singulares, em diálogos mais ou menos audíveis no uso corriqueiro das fontes propulsoras do nomear:

No dito, a fala recolhe e reúne tanto os modos em que ela perdura como o que pela fala perdura – seu perdurar, seu vigorar, sua essência. Contudo, na maior parte das vezes e com frequência, o dito nos vem ao encontro como uma fala que passou. Se devemos buscar a fala da linguagem no que se diz, faríamos bem em encontrar um dito que se diz genuinamente e não um dito qualquer, escolhido de qualquer modo. Dizer genuinamente é dizer de tal maneira que a plenitude do dizer, própria ao dito, é por sua vez inaugural. (HEIDEGGER, 2003, p. 12).

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

Nos grandes dicionários de português brasileiro, uma das entradas de traição destoa do sentido de perfídia mais usual, ao mesmo tempo em que se aproxima de uma entrega e uma oferta: “4. Regionalismo: Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul. Variedade de mutirão em que o fazendeiro que tenciona auxiliar o vizinho chega à casa deste de madrugada, em companhia de trabalhadores, e desperta-o ao som de cantos” (HOUAISS, 2009, Traição), “5. MG MT MS. Mutirão em que os ajudantes chegam à casa de quem vai ser ajudado de madrugada e acordam-no com cantos” (AULETE; VALENTE, 2016, Traição), “5. Bras. MT. Espécie de mutirão (q. v.), com a particularidade de o fazendeiro que pretende auxiliar o vizinho chegar à casa deste alta noite, de surpresa, em companhia dos trabalhadores, acordando-o, em geral, ao som de cantos. [Cf., nesta acepç., suta (3) e estalada (5).]” (FERREIRA, 2004, Traição):

6. REG (MG, MS, MT), ETNOL Ver suta, acepção 3. 3. REG (GO), ETNOL Mutirão prestado por amigos e vizinhos de um fazendeiro, que chegam de surpresa para realizar um serviço urgente e, quando concluído, voltam para a sede da fazenda para um jantar especial, seguido de reza, cantoria e dança; traição. (DICIONÁRIO MICHAELIS, 2015, Suta).<sup>10</sup>

Como a traição virou auxílio? Como, de perfídia, a palavra traição ganhou uma conotação praticamente oposta, digna inclusive de comemorações? Essa pergunta não se pode responder com certeza neste trabalho. Em geral, os regionalismos são marcas culturais que se referem a determinadas comunidades e são leituras de mundo feitas por ou a respeito delas. Apresentam uma singularidade no uso, seja na manutenção de sentidos, seja na construção de novas relações entre palavra e realidade, de tal modo que um sentido antigo poderia tomar um caminho aparentemente contraditório ao canônico e, ainda assim, dialogar com este no que há de originário em ambos. Em entrevista ao *Diário de Lisboa*, João Cabral de Melo Neto nos oferece sua interpretação do que seja o regionalismo e o regional:

O regionalismo não é uma linguagem regional, que o inutilizaria, mas falar de problemas que estão mais próximos da pessoa que fala: a dor do homem, a alegria, suas lutas e as suas belezas etc. [...]. Quando me bato pelo regionalismo é para mostrar, numa anedota, o local, os sentimentos comuns a todos os homens. O homem só é amplamente homem quando é regional. (ATHAYDE, 1998, p. 85).

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=suta>>. Acesso em: 20 set. 2016.

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

Tem-se, pois, a ajuda oferecida. Uma comunidade, na qual um de seus membros receberia auxílio de bom grado, apresenta-se e se dispõe ao trabalho conjunto. Importante notar que a vinda auxiliadora não recai exclusivamente na realização do labor, mas se enfeita de música e dança, um rito trabalhístico. Ela não é imediata, não é objetiva em sua função, mas se permite demorar no empenho de ajudar, num tempo em que ajuda não é puro desempenho da tarefa. Por sua vez, o ajudado também oferece algo: comidas, agradecimentos e seu trabalho se juntam aos demais na comunhão criada para aquela circunstância específica.

Nesse caso, a festa é tão necessária quanto o trabalho. Tanto que o serviço não visa à remuneração, não se busca a troca simbólica. A voluntariedade está na garantia de persistência deste tipo de relação de comunidade que se ajuda, pois cada um é tanto um único quanto a unidade que caracteriza o comum. Eu o ajudo no que me ajudo. Na entrega da ajuda, que é uma traição em particular, eu perpetuo a tradição daquela comunidade.

Esta é a traição que oferece ajuda, mediante confraternização e à revelia de salário. Uma dádiva que não se fia unicamente no desfecho para o ato e que atravessa toda a ação, desde sua requisição de auxílio até sua promessa, ambas veladas no desvelar daquela comunidade. A isto chamamos de outro nome, quando nos reunimos para ajudar em amizade e em prol de alguém ou algo cuja necessidade é partilhada por todos: mutirão.

Para compreender a relação regionalista com a palavra traição, convém ouvir nela o que aparece como sinônimo dicionarizado à palavra mutirão. Aqui, sinônimo será tratado como um termo que indica a aproximação entre as experiências de mundo que as palavras sugerem. Logo, prestar atenção ao que mutirão se refere é atentar-se ao que a traição pode vir a dizer a nós e diz à sua maneira aos que vivem naquelas comunidades regionais.

A palavra mutirão se origina de *potyrõ*, *pitibõ*, *popitibõ* e *picorõ* (DICIONÁRIO TUPI-GUARANI, 2016, Mutirão)<sup>11</sup>. Na língua tupi, “*p t k* quando precedidos por vogal nasal ou nasalizada mudam-se em *mb nd ng* [...] *b* em sílaba átona muda-se em *m* quando precedido por vogal nasal ou nasalizada” (RODRIGUES, 1953, p. 123), isto ocasiona a variação *motyrõ*, que significa no idioma indígena “(v. intr.) – trabalhar em conjunto” (NAVARRO, 2013, p. 405). Diferentemente de um grego ou latim, o tupi é uma língua que nos chegou exclusivamente pela via oral; assim, uma mesma palavra pode ter várias origens, devido às

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/mutirao/>>. Acesso em: 21 set. 2016.

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

incertezas que a envolvem. Isso de nenhuma maneira precisa ser encarado como um demérito, mas como desafio de lidar com o variado e o mesmo simultaneamente.

Um caminho de interpretação possível para isto a que os indígenas chamavam de *popitibõ* ou *popytybõ* provém da palavra *popy*, que literalmente quer dizer “ponta, cabo, extremidade (de qualquer coisa)” (NAVARRO, 2013, p. 394), haja vista sua constituição, *pó* “mão” (NAVARRO, 2013, p. 390) + *py* “pé, pata” (NAVARRO, 2013, p. 413). Várias são as palavras geradas com esse radical, por exemplo, *popyatã* e *popy'i* “‘ser forte de braços’ [e] ‘destreza de mãos’” (NAVARRO, 2013, p. 394), respectivamente. Nesse sentido, *popytybõ* significa “(etim. – ajudar a mão) (v. tr.) – ajudar” (NAVARRO, 2013, p. 395). Ajudar com as mãos, uma indicação ao esforço no empenho do auxílio, como nos esforçamos em trabalhos manuais. Auxiliar não como quem apoia ou aconselha, mas como quem carrega o fardo alheio com as próprias mãos, fazendo-o seu por instantes.

## OS MUTIRÕES DO HOMEM

Embora a palavra seja de origem tupi, outras tribos, como os šere’nte, tinham experiências semelhantes àquela referente a *potyrõ*: “Se a capina foi demasiada para uma família, o marido ia para caçar, preparava uma torta de carne a partir da caça, e a servia para os companheiros que vieram assisti-lo” (NIMUENDAJÚ, 1942, p. 33 – tradução do autor)<sup>12</sup>. Com o passar do tempo, a dádiva da torta de carne confunde-se com troca simbólica, torna-se pagamento. A obrigação que o ajudado tinha era sempre com o todo, não com cada indivíduo. A diferença ocorria por meio da compreensão de totalidade, a qual todos partilhavam, mesmo nas tarefas mais singulares. Ao passar para uma tradição mais individualista, sem um todo comum, seus membros perdem o suporte dos demais, tornando a própria luta pela sobrevivência um projeto solitário, ao invés de comunitário. E, como toda pedrinha solta da montanha, tende a ser levada pelas águas:

A caça, a pesca e a agricultura, então, eram atividades parcialmente associativas. Isso sempre foi verdade quando a comida tinha que ser acumulada para as festas; [...]. Mas alguns festivais quase sempre estavam acontecendo, de modo que apenas uma parte da manutenção de sua família era de responsabilidade do indivíduo. A incrível pauperização e deterioração do šere’nte contemporâneo é imediatamente

---

<sup>12</sup> *If the weeding was too much for one family, the husband went hunting, had a meat-pie made from the kill, and served it to fellow-members who came to assist him.*

devida à destruição de seu antigo sistema associativo, minada pelo individualismo moderno. (NIMUENDAJÚ, 1942, p. 34 – tradução do autor).<sup>13</sup>

Esse sistema cooperativo, que era o cerne econômico de muitos povos, não está de todo perdido e ainda se encontra nas partes mais periféricas de nossa sociedade. Uma fraternidade útil, decerto, mas também uma noção de pertencimento e congregação cujas partes se perdem no todo coeso. Traição que é tradição também é mutirão, um atravessamento no tempo de um trabalho em comunidade. Nesse desdobramento social dá-se um trabalho pelas mesmas mãos que recebem a festa, que é o não trabalho, que é o desvio do caminho da ajuda. Desvio e via de trabalho fazem parte do mutirão, assim como fazem da tradição sua traição, sua outra via de acesso ao que é entregue.

Aprender que a tradição porta o descaminho da mensagem a ser entregue é aceitar a festa sem a qual não há mutirão, e sem o mutirão, a obra não anda. Sem a traição, a história se repete sem invenção, tradicionalmente se repete. Justamente é pela educação que nos deparamos com o empenho de pensar o desempenho da traição da tradição, à medida que se educa como quem traduz, cuidando para que se deixe emergir na tradução o vigor da tradição, isto é, o que mantém a tradição viva, doadora de sentidos, sejam eles arcaicos, sejam contemporâneos; instigadora de sentidos, tanto conservadores quanto iconoclastas:

Mas, na mesa, aquele menino Guirigó, na senvergonhice inocente de sua pouca geração, tinha adormecido completo antecipadamente, e eu consenti que as mulheres carregassem o coitadinho diabinho, pesado como um de maioria, e levassem para dormir sei lá onde, por entre colchão e lençol. A vida inventa! A gente principia as coisas, no não saber por que, e desde aí perde o poder de continuação — porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada. (ROSA, 2016, p 316).

---

<sup>13</sup> *Hunting, fishing, and farming, then, were partly associational pursuits. This was always true when food had to be amassed for feasts; [...]. But some festival was almost always going on, so that only a part of his family's maintenance devolved on the individual. The incredible pauperization and deterioration of the contemporary Sere'nte is immediately due to the destruction of their ancient associational system, sapped by modern individualism.*

## REFERÊNCIAS

ATHAYDE, Félix de. **Ideias fixas de João Cabral de Melo Neto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

AULETE, Francisco J. Caldas; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. **iDicionário Aulete**. Lexikon Editora Digital. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br>>. Acesso em: 14 out. 2016.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário portuguez & latino**. Volume 8. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/002994-08>>. Acesso em: 14 set. 2016.

DICIONÁRIO MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 14 out. 2016.

DICIONÁRIO TUPI-GUARANI. **Dicionário Ilustrado Tupi-Guarani**. Disponível em: <<http://www.dicionariotupiguarani.com.br>>. Acesso em: 14 out. 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio**. Versão 5.0. Regis Ltda., 2004.

GLARE, P.G.W. *et alii*. **Oxford Latin Dictionary**. Inglaterra: Universidade de Oxford, 1968.

HEIDEGGER, Martin. **Heráclito**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

\_\_\_\_\_. **A caminho da linguagem**. Petrópolis: Vozes 2003.

HOUAISS, Antônio. Dicionário da língua portuguesa. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. **Filosofia grega: uma introdução**. Teresópolis: Daimon, 2010.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil**. São Paulo: Global, 2013.

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIMUENDAJÚ, Curt. **The Šerente**. Los Angeles: Museu Southwest, 1942. Disponível em: <[http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Animuendaju-1942-serente/nimuendaju\\_1942\\_serente.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Animuendaju-1942-serente/nimuendaju_1942_serente.pdf)>. Acesso em: 21 set. 2016.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da lingua brasileira**. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/02254100>>. Acesso em: 14 set. 2016.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. Porto Alegre: Globo, 1976.

RODRIGUES, Arion. Morfologia do verbo tupi. **Revista Letras**, [S.I.], v. 1, dez. 1953. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/20083>>. Acesso em: 21 set. 2016.

ROSA, Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Disponível em: <<http://lelivros.win/book/download-livro-grande-sertao-veredas-joao-guimaraes-rosa-em-epub-mobi-e-pdf/>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

SCHUBACK, Márcia Sá Cavalcante. Para que língua se traduz Ocidente. In: ABRANCHES, Antonio (Org.). **O que nos faz pensar**. Vol. 1, 10. Cadernos do Depto. de Filosofia da PUC-RIO, out. de 1996.

SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da lingua portuguesa**. Volume 2. Portugal: Typographia Lacerdina, 1789. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00299220#page/1/mode/1up>>. Acesso em 14 set. 2016.

Recebido em julho de 2017

Publicado em dezembro de 2017